



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

O TRABALHO PEDAGÓGICO COLETIVO

Fatores externos e internos de interferência

Marinalda Pereira de Lima Colen

Professora-orientadora Msc Juliana Fonseca Duarte
Professora Monitora-orientadora Dra Jeane Medeiros Silva

Brasília (DF), maio de 2013

Marinalda Pereira de Lima Colen

O TRABALHO PEDAGÓGICO COLETIVO
Fatores externos e internos de interferência

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora orientadora Msc Juliana Fonseca Duarte e da Professora monitora-orientadora Dra Jeane Medeiros Silva.

Brasília (DF), maio de 2013

TERMO DE APROVAÇÃO

Marinalda Pereira de Lima Colen

O TRABALHO PEDAGÓGICO COLETIVO Fatores externos e internos de interferência

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Msc Juliana Fonseca Duarte
(Professora-orientadora)

Msc Fabiana Margarita G. Lagar
Detran/DF
(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013

À minha família, ao meu marido Sidnei Carvalho Colen Franco, pela paciência e compreensão, minha filha Samya Enya de Lima Carvalho Colen, por ser compreensiva quanto a minha ausência, e ao meu sobrinho Nícollas Matheus de Lima pelo apoio e companheirismo, colegas e todos aqueles que contribuíram para a realização desta obra. A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia. Em especial meu professor tutor Edvaldo Alves de Souza, pelo apoio e dedicação. Nessa trajetória em busca de novos conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente pela oportunidade, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, a minha família por me ajudar diretamente e indiretamente, aos colegas e professores, com carinho e em especial a meu marido e minha filha, pelo o apoio em mais um caminho percorrido.

Agradeço ao meu marido, Sidnei Carvalho Colen Franco, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, quero agradecer a minha filha, Samya Enya de Lima Carvalho Colen, que iluminou de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos. E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa meus pais, Valdete Maria de Lima e Francisco Pereira de Lima, a quem eu rogo todas as noites a minha existência e também ao meu sobrinho Nícollas Matheus de Lima, e minhas sobrinhas e sobrinhos. Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a pós-graduação, em especial ao meu professor tutor Edvaldo Alves de Souza.

As nuvens mudam sempre de posição, mas são sempre nuvens no céu. Assim devemos ser todo dia, mutantes, porém leais com o que pensamos e sonhamos; lembre-se tudo se desmancha no ar, menos os pensamentos.

Paulo Beleki

RESUMO

A presente pesquisa é um estudo de caso acerca das temáticas relacionadas à área da educação e dentro deste contexto foi enfatizado sobre o trabalho pedagógico coletivo, e também dos entraves que afetam diretamente o trabalho pedagógico coletivo dentro e fora da instituição escolar, então o papel do coordenador pedagógico dentro dessa relação. É de suma importância para que haja uma mediação entre a comunidade escolar, para que a coletividade seja exercida em toda sua plenitude, portanto faz-se necessário que esse profissional tenha um poder de eloquência e de convencimento “singular”, pois é ele quem vai tornar viável a participação efetiva de todos os atores sociais escolares. Ressaltando também a importância do papel do coordenador pedagógico e das suas atribuições pedagógicas dentro do ambiente escolar, tal qual também é de sua incumbência o estímulo para a formação continuada dos docentes. A pesquisa foi realizada em uma escola de Ensino Fundamental, situada no município de Santo Antônio do Descoberto-GO; a pesquisa foi de caráter qualitativo, onde foi aplicado um questionário de questões subjetivas, e os atores que participaram do presente questionário foram: um coordenador pedagógico; um gestor da instituição e cinco professores, sendo do 1º ao 5º ano, que nos permitiram uma visão mais ampla dos atores envolvidos acerca das temáticas elencadas.

Palavras chaves: Trabalho pedagógico coletivo, coordenador pedagógico, Interferências internas e externas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A NECESSIDADE DA COLETIVIDADE	12
1.1 A necessidade da interação entre a equipe gestora e os professores para subsidiar o trabalho coletivo	12
1.2 Trabalhos construídos coletivamente <i>versus</i> trabalhos construídos individualmente	15
1.3 Os entraves que afetam diretamente o trabalho pedagógico coletivo dentro e fora da instituição escolar	16
1.4 O coordenador pedagógico e o trabalho coletivo.....	18
1.4.1 O coordenador pedagógico lado a lado com a sua realidade escolar.....	18
1.4.2 O papel do coordenador pedagógico na formação continuada	20
2 INVESTIGAÇÃO METODOLÓGICA	21
2.1 Método e tipo de pesquisa	21
3 ANÁLISE	24
3.1 Categoria de análise: Fatores externos e internos que interferem no trabalho coletivo	24
3.2 A escola seu projeto e sua prática	24
3.3 As concepções dos professores sobre a coletividade.....	26
3.4 O gestor e seus anseios frente a coletividade.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA O COORDENADOR PEDAGÓGICO.....	33
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA O DIRETOR	35
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR.....	37
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	39

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vinícius de Moraes (EMEFVEM), localizada no município do Santo Antônio do Descoberto/GO em uma área periférica, onde a comunidade é extremamente carente e formada por famílias desestruturadas, ou seja, pais separados, alcoólatras, drogados, violentos, crianças que ficam sozinhas o dia inteiro e são “obrigadas” a realizar as atividades domésticas, outro fator agravante, são as crianças vítimas de abuso sexual dentro de casa.

A maioria dos alunos mora nas proximidades da escola, porém há um grande número de alunos que moram em bairros afastados e outros moram na área rural.

Atualmente, a escola atende a alunos do 1º ao 9º ano, nos dois turnos totalizando mais de mil alunos divididos em 26 turmas, sendo que cada turma atende, no mínimo, a 35 alunos. A faixa etária é de 06 a 14 anos. No entanto, temos um número razoável de alunos com distorção idade-série, que constituíam uma turma com 25 alunos (que eram considerados os casos mais críticos), este ainda é uma dos grandes problemas enfrentados pela escola.

Mesmo a escola não tendo uma estrutura física adequada para o atendimento de alunos especiais, a escola atende a um número considerável de alunos portadores de necessidades especiais.

Apesar desta demanda de alunos, a equipe gestora é formada apenas pelo diretor, uma secretária e um auxiliar administrativo, por um psicopedagogo, dois coordenadores pedagógicos e um coordenador do Programa Mais Educação. O corpo docente é composto por 33 professores.

O espaço físico é precário. A escola não dispõe de laboratório de informática e não possui biblioteca, ambos os espaços foram desativados, para atender aos alunos do Programa Mais Educação e para formação de uma nova sala de aula.

Percebe-se que a superlotação e a distorção idade/série são fatores que interferem diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, somente os professores do 1º ano contam com a jornada ampliada, sendo que os demais professores precisam atender a duas turmas, formadas por no mínimo 35 alunos.

São muitos os fatores que interferem no desempenho dos docentes, por isso o coordenador pedagógico precisa subsidiar e articular o processo coletivo na

instituição escolar. Assim, como problemática de pesquisa delinerei os fatores, internos e externos que interferem no trabalho coletivo, e também em como o coordenador pedagógico desempenha papel de suma importância dentro do ambiente escolar, principalmente no que diz respeito à coletividade dentro da instituição escolar.

Quando perguntamos a algum gestor se, em sua escola, há um trabalho coletivo, a resposta com certeza foi positiva, mas nem sempre é isso que acontece, pois são muitos os fatores que interferem na execução dessa proposta. Ao investigar meu problema de pesquisa, foi perceptiva a presença de alguns fatores internos: a falta de tempo, a resistência, a falta de compromisso dos profissionais, a falta de recursos didáticos e pedagógicos, espaço físico inadequado, desvalorização profissional, o medo de inovar, a falta de incentivo e baixa autoestima, aspectos esses que dificultam a realização de um trabalho coletivo.

Além desses fatores, ressaltamos ainda os fatores externos: a falta de compromisso e interesse dos pais, descaso dos governantes e a falta de professores. Com base nesses fatores, vou focar a minha pesquisa na importância de avaliar o papel do coordenador pedagógico em função do trabalho coletivo na instituição.

Como objetivo geral, busquei analisar o papel do coordenador pedagógico em função do trabalho coletivo, considerando-se os fatores internos e externos que condicionam esse fazer pedagógico.

Então, baseei minha investigação em alguns objetivos específicos:

- Investigar a importância da interação entre a equipe gestora e os professores, para subsidiar o trabalho coletivo.
- Comparar resultados de trabalhos construídos individualmente e de trabalhos construídos coletivamente.
- Identificar problemas que afetam diretamente o trabalho pedagógico coletivo dentro e fora da instituição escolar.

Diante da problemática elencada, os atores inseridos nessa pesquisa foram a equipe gestora: diretor (a gestora), coordenadores pedagógicos (um coordenador), e professores (um professor de cada ano), sendo do 1º ao 5º ano.

1 A NECESSIDADE DA COLETIVIDADE

Realizar trabalhos coletivos nas escolas da atualidade se faz necessário por diversas questões, tais como: socialização entre os membros de uma comunidade escolar; a aproximação das famílias com o contexto escolar, e, conseqüentemente, os pais tornarem-se mais participativos na vida escolar de seus filhos; o desenvolvimento sociocultural da instituição de ensino; a motivação do corpo docente e discente; a amplitude de conhecimentos interdisciplinares; o progresso de ensino-aprendizagem, visto que são inseridas na escola propostas que influenciam direta ou indiretamente na aprendizagem das crianças e adolescentes; a diminuição da evasão escolar devido à movimentação que o trabalho colaborativo e os projetos inseridos tendem a estimular os alunos a estarem sempre presentes na escola.

1.1 A necessidade da interação entre a equipe gestora e os professores para subsidiar o trabalho coletivo

A colaboração entre os membros da comunidade administrativa estudantil, segundo Costa (2004), deve estar pautada no apoio mútuo com finalidades comuns avaliadas e negociada por todos como prioridade, e, para isso, se faz essencial o senso de hierarquia compartilhada, além de respeito e credibilidade recíproca, bem como a responsabilidade por parte de todos nas tomadas de decisões.

Para que seja realmente um processo participativo, é preciso participação nas responsabilidades de elaboração, execução e avaliação, e não apenas na execução. Este procedimento – a participação no processo global de planejamento repercutirá na vida da escola, modificando relações e influenciando positivamente o processo de tomada de decisões (DALMÁS, 1994 p. 21).

Isto significa que para um trabalho coletivo funcionar com eficácia, se faz necessário que ambos integrantes da equipe gestora deixem suas diferenças pessoais de lado, de modo a construir um ambiente que expresse respeito para ouvir opiniões e críticas; maturidade para exercer com excelência o que foi requisitado, ainda que, por ventura, este membro escolhido a exercer tal tarefa não esteja totalmente de acordo com as decisões da maioria do grupo concernente a tal atividade; compreensão para com as opiniões divergentes, humildade para ouvir e

ceder se necessário em alguns momentos, bem como entender com clareza que o princípio básico para o trabalho colaborativo é o bem comum. E como afirmam Rausch e Schlindwein,

Para que os professores ressignifiquem a sua prática é preciso que a teorizem. E este movimento de teorizar a prática não se efetiva somente com treinamentos, palestras, seminários, aulas expositivas, mas muito mais, quando há uma relação dinâmica com a prática deste professor a partir de uma reflexão coletiva, auto-reflexão (sic), pensamento crítico e criativo, via educação continuada. É preciso desencadear estratégias de formação processuais, coletivas, dinâmicas e contínuas. Refletir com os demais professores e compartilhar erros e acertos, negociar significados e confrontar pontos de vista surge como algo estimulador para uma prática pedagógica comprometida (RAUSCH; SCHLINDWEIN, 2001, p. 121).

Segundo a fala dos autores citados, é essencial a participação dos docentes nos assuntos concernentes a comunidade escolar, mesmo porque são eles que interagem cotidianamente com os discentes e seus familiares, passando, por vezes, pelos mais diferenciados entraves. Sabe-se que o coordenador pedagógico, bem como o orientador são seus ricos auxiliares para sanar diversos problemas recorrentes durante o ano letivo.

Portanto, a parceria entre docentes – troca de ideias, experiências - é imprescindível para o crescimento e amadurecimento de cada educador, bem como um estímulo para sempre inovar; lembrando que este processo colaborativo não deve estar só a nível dos professores, e sim que alcance a comunidade local - pais e alunos –, bem como se fortaleça com a equipe gestora que pode orientar, dar suportes físicos, estruturais, administrativos e/ou teóricos.

Infelizmente, observa-se que em grande parte das escolas públicas e particulares muitos dos educadores são menosprezados em momentos importantes de decisões na escola, como por exemplo, nos casos - não pouco comuns - de reuniões pedagógicas em que professor não possui voz ativa, isto é, não lhe é permitido o direito de sequer opinar, sugerir ou questionar decisões ou regulamentos da instituição que trabalha, sendo obrigado apenas a ouvir suas obrigações. Dalmás questiona:

Para que seja realmente um processo participativo, é preciso participação nas responsabilidades de elaboração, execução e avaliação, e não apenas na execução. Este procedimento – a participação no processo global de planejamento repercutirá na vida da escola, modificando relações e influenciando positivamente o processo de tomada de decisões (DALMÁS, 1994 p. 21).

Inclusive, em muitas escolas o docente é até mesmo obrigado a aplicar exclusivamente os poucos métodos avaliativos que a instituição educacional obriga, tirando assim sua autonomia avaliativa, causando um ar de militarismo ao invés de companheirismo e tolerância.

Outra questão intrigante é o fato de muitas instituições de ensino não permitirem que o seu corpo docente participe da elaboração do Projeto Político Pedagógico. Aliás, em muitos estabelecimentos de ensino, nem lhe são apresentados suas modificações, objetivos, princípios e progressos. Desta maneira, como podem tais docentes se planejarem e trabalharem de acordo com as metas traçadas pela escola, uma vez que desconhecem quais são? Veiga, (2005 p. 22) diz que: “O projeto político pedagógico é entendido [...] como a própria organização do trabalho pedagógico da escola”. Que tipo de gestão democrática é essa que tanto falam, mas que na realidade é pouco exercida?

Rossa (1999) justifica a ausência da participação da comunidade escolar da seguinte maneira:

Quase sempre o calendário só dá abrigo a atividades rotineiras. A elaboração do projeto político-pedagógico, com frequência, não é considerada atividade de rotina. Não entra, portanto, no calendário. Sabemos que, muitas vezes, o que não está em calendário não existe (ROSSA, 1999 p. 60).

Porém, Gadotti e Romão (2004) defende que a elaboração do projeto político-pedagógico precisa ser coletiva.

O projeto da escola não é responsabilidade apenas de sua direção. Ao contrário, numa gestão democrática, a direção é escolhida a partir do reconhecimento da competência e da liderança de alguém capaz de executar um projeto coletivo [...] A autonomia e a gestão democrática da escola fazem parte da própria natureza do ato pedagógico. A gestão democrática da escola é, portanto, uma exigência de seu projeto político-pedagógico. Ela exige, em primeiro lugar, uma mudança de mentalidade de todos os membros da comunidade escolar. A gestão democrática da escola implica que a comunidade, os usuários da escola, sejam seus dirigentes e gestores

e não apenas os seus fiscalizadores ou, menos ainda, os meros receptores dos serviços educacionais (GADOTTI; ROMÃO, 2004, p. 34-35).

Já o Ministério da Educação (MEC) afirma que

O projeto político-pedagógico ocupa um papel central na construção de processos de participação, portanto, na implementação de uma gestão democrática. Envolver os diversos segmentos na elaboração e no acompanhamento do projeto pedagógico constitui um grande desafio para a construção da gestão democrática e participativa (BRASIL/MEC, 2007, p. 22).

Mesmo porque, a óptica de conjunto, de colaboração só pode se realizar de forma concreta por meio de uma gestão escolar de fato democrática. Lugar no qual cada componente da comunidade escolar, seja docente, aluno, pais e servidores possam ter voz ativa. Possam ser ouvidos com dignidade e que suas causas ou sugestões sejam analisadas sem preconceito.

1.2 Trabalhos construídos coletivamente *versus* trabalhos construídos individualmente

Vygotsky (1998), que sempre enfatizou em seus textos a importância do interacionismo para o processo de ensino aprendizagem, evidencia primeiramente que a criança apesar de nascer com habilidades predispostas à fala a mesma só irá desenvolver-se plenamente ao interagir com outros falantes. Semelhantemente, Vygotsky (1998) postula que as atividades efetivadas coletivamente proporcionam muitas vantagens em detrimento a operações realizadas de modo individualizadas, visto que não há troca de experiências.

Para o autor o pensar intrapsicológico é mediado pelo pensar interpsicológico. Sendo assim, é através da fala e atitudes de outros que construímos a nossa própria maneira de pensar e agir.

Portanto, a socialização que o trabalho colaborativo permite é de suma importância para se alcançar aprendizagem mútua em um grupo. Podemos assim, através dessa contribuição psicológica perceber a importância do trabalho coletivo no ambiente escolar.

O trabalho coletivo no âmbito escolar consiste na integração das atividades do corpo docente, direção e equipe pedagógica tendo por objetivo a aprendizagem do educando. As ações docentes necessitam ter por meta uma educação, que contribua para a formação do aluno cidadão consciente de seu papel na sociedade contemporânea. Todos os esforços no sentido de se produzir um trabalho coletivo teria como finalidade maior a construção de uma sociedade igualitária, com menos desigualdades sociais, que todos possam usufruir do patrimônio cultural acumulado pela humanidade: conhecimento científico, bens e serviços gerando qualidade de vida (RIBEIRO; SANTOS, 2001 s/p).

Esses autores abordam de forma ampla e clara o que as escolas do século XXI deveriam estar se empenhando para realizar.

É importante lembrar que a meta educacional transcende o ensinar apenas regras e teorias, uma vez que ela possui um papel social, ideológico.

Não basta promover somente ensino, a escola e seus profissionais devem engendrar em seus discentes e familiares uma visão crítica, autônoma, menos alienada e mais participativa, como por exemplo, tirar o mito de que o que é público é de ninguém e que sendo assim pode ser danificado. Devemos ensiná-los a mudar essa óptica, pois o que é público significa que é de todos e que exatamente por isso temos o dever de zelar por tais bens. Devem-se ainda promover qualidade de vida por meio de cultura, esporte, lazer, orientações diversas com temas transversais.

A educação na atualidade pode ser vista como um instrumento de perpetuação e desenvolvimento humano. Visto que as relações estabelecidas pelos indivíduos com o mundo, e, sobretudo no contexto escolar, oportuniza troca de anseios, saberes, reflexões. Podemos assim considerar que as relações entre as pessoas fazem um papel importante no processo educativo atual.

1.3 Entraves que afetam diretamente o trabalho pedagógico

Tendo em vista os benefícios que uma instituição de ensino alcança ao realizar trabalhos coletivos é que se faz necessário investigar o porquê de tantas dificuldades para colocar em prática tal ofício.

A participação da comunidade na escola como todo processo democrático, é um caminho que se faz ao caminhar, o que não elimina a necessidade de se refletir previamente a respeito dos obstáculos e potencialidades que a realidade apresenta para a ação (PARO, 2006, p 18).

Em detrimento questões conflituosas internas e externas, ao ambiente escolar, se faz tão difícil implementar de modo prático um trabalho colaborativo nas escolas da atualidade. Sim, porque na educação brasileira existem muitas teorias belíssimas, entretanto poucas são colocadas em prática. Inclusive, a gestão democrática é uma delas, pois muito se fala, todavia pouco se vivencia no dia-a-dia escolar.

Faz-se necessário, dessa maneira, que cada integrante da comunidade escolar seja conscientizado da importância e necessidade da inserção do trabalho coletivo com viés democrático, em outras palavras, que cada um saiba que têm direitos e deveres. Porém que todos - seja aluno, professor, coordenador ou servidor - possam participar ativamente do desenvolvimento das atividades executadas durante o ano letivo, participação essa que não se resume em apenas obedecer às ordens requisitadas, e sim no acompanhar o progresso ou retrocesso e tentar solucionar os problemas detectados, no sugerir, no lutar por melhorias no ambiente escolar.

O que grande parte desses profissionais da educação não compreende, ou ainda não tiveram a oportunidade de vivenciar, é que um trabalho coletivo bem estruturado dentro de uma escola pode trazer-lhes grandes vantagens a eles e aos alunos de sua comunidade, assim como em qualquer tipo de instituição, onde se visam os benefícios a serem alcançados:

No contexto das instituições ditas *privadas* da sociedade civil se acha a *escola*. Ela é também uma instituição que serve como elo mediador a serviço das classes e dos grupos que a dirigem. O sistema capitalista, ao reproduzir as relações sociais de produção, reproduz os lugares das classes sociais. A escola contribui para essa divisão ao exercer uma ação hegemônica concomitante à dominação econômica. Essa ação viabiliza, pela direção político-ideológica, a dominação social e a exploração econômica. Não é a escola, então, que gera a divisão de classes. Pode-se dizer que a sociedade de classes gera a escola enquanto esta pode cooperar com e contestar a própria divisão, pondo a serviço de um dos polos da relação seu arsenal intelectual e moral.

A divisão que a escola propicia em si e dentro de si não é apenas fruto da divisão social do trabalho. A divisão na e da escola coopera ativamente *como razão e função* da mesma divisão. Enquanto razão, (*logos*) tenta a legitimação da divisão pela mediação de classe. Enquanto função, ela se mercantiliza ao se tornar fornecedora de

trabalhadores e de objetos que estimulam a produção (CURY, 1992, p. 103).

Trabalhar coletivamente sem dúvida é uma tarefa complexa; devido primeiramente aos entraves de personalidades, opiniões e princípios subjetivos que cada integrante da comunidade escolar possui. Fato este que deve ser superado tendo em vista os benefícios futuros que podem ser alcançados como, por exemplo: uma melhor harmonia profissional, um ambiente mais tranquilo e motivador, respeito e valorização mútua entre profissionais, desenvolvimento de um senso maior de ética e responsabilidade nas tarefas diárias, anseio pelo progresso da educação – em termos estritos e latos -, bem como uma autoestima profissional elevada e até um senso de dever cumprido.

Tais vantagens deveriam ser refletidas e propagadas nas escolas como meio estratégico de alcançar uma melhor aceitação por parte dos integrantes da comunidade escolar no momento da inserção de trabalhos de cunho coletivo/participativo e o coordenador pedagógico possui o papel de possibilitar que isso aconteça.

1.4 O coordenador pedagógico e o trabalho pedagógico coletivo

1.4.1 O coordenador pedagógico lado a lado com a sua realidade escolar

A função do coordenador pedagógico na escola é muito difundida, pois o papel do coordenador pedagógico no ambiente escolar é muitas vezes confundido com funções que não condizem com a sua área específica, atribuindo a si tarefas que não deveriam ser suas.

Sendo que o mesmo já sabe de suas atribuições, porém nem sempre é possível executá-las. Além de ser uma função de extrema responsabilidade, seu nível de complexidade é imenso. Todavia, não ficamos responsáveis somente por elas, seria muito bom se ficássemos voltados somente para o campo pedagógico.

Acompanhar os professores em todas as suas atividades de planejamento visando sua melhor forma de aplicação. Observando e opinando no projeto desde a sua elaboração até a sua aplicação. E “fiscalizar” os métodos de avaliação do corpo docente, para certificar-se de sua eficácia.

O trabalho do coordenador condiz com o lado organizacional. Somos mediadores, articuladores, com o intuito de atender o corpo docente e discente para o melhor desempenho acadêmico, mantendo essa interação com os dois lados, não só na resolução de conflitos, mas também com a função de disseminador de ideias, que estimule o corpo docente a desenvolver trabalhos, que agucem o prazer de aprender para com seus alunos.

Mas, na maioria das vezes, os fracassos acadêmicos são atribuídos a esse profissional, como se a culpa fosse somente do coordenador pedagógico. Que no fim é quem encara os olhares raivosos dos pais, que às vezes possuem uma raiva “mortal” desse profissional.

Seu trabalho também seria o de “quebrar o gelo” com os integrantes da comunidade escolar, promovendo debates e discussões que aproximassem a população até a escola, no âmbito de promover a inclusão da população com a escola. Porque assim a relação comunidade escola se tornaria mais próxima. Sendo assim um dos papéis do coordenador pedagógico, seria o de “unificador”.

Ser coordenador pedagógico não é um papel fácil, temos ainda muitas barreiras a serem quebradas em nosso âmbito profissional. Deixar de lado o estereótipo de um profissional “sabe-tudo”, o coordenador é um profissional como outro qualquer (embora sua presença no ambiente escolar seja de suma importância) com defeitos e falhas. E como todo profissional ele deve estar em constante aprendizado para que desempenhe sua tarefa cada vez melhor. Para que então esse profissional seja cada vez mais valorizado dentro da escola.

Outra função de suma importância do coordenador pedagógico é a de fornecer subsídios que permitam aos professores, expandir seus horizontes constantemente em relação ao exercício profissional. Por meio de: ideias, textos, livros, sites, vídeos e troca de experiências e também trabalhar na mediação do trabalho coletivo, pois é de suma importância que todos os atores escolares interajam harmoniosamente. Porque mais importante do que apenas “teorizar” é ser um profissional de ação.

1.4.2 O papel do coordenador pedagógico na formação continuada

O coordenador pedagógico também é responsável pela formação continuada na instituição, com o objetivo de melhorar a qualidade de ensino, o coordenador

pedagógico deve sensibilizar-se do seu fazer pedagógico de maneira não centralizadora, tomando as decisões que viabilizem o bem comum do coletivo.

Segundo Leite (2000), a formação continuada de professores é aquela que assume o desafio de idealizar e construir a escola como um ambiente educacional em que a formação e a prática pedagógica não ocorram de maneiras distintas, sendo articuladas com a gestão escolar, as práticas curriculares e as necessidades profissionais. Nesse processo, o professor tem oportunidade de assumir o seu papel de sujeito ativo, participando de forma decisiva em todas as etapas do trabalho escolar.

Nesse sentido, é de suma importância a contribuição do coordenador pedagógico e sua constituição como formadora, precisam ser repensadas e articuladas no seu âmbito coletivo, para que o grupo possa sensibilizar-se, quanto a sua atuação pedagógica e tornando-se um agente ativo e crítico quanto às suas percepções e expectativas em relação ao seu trabalho educacional.

A construção da identidade profissional e o fortalecimento de seu compromisso com o grupo de professores e alunos dependem da consciência crítica que professores e coordenadores têm frente à sincronidade das dimensões políticas, humano-relacionais e técnicas de sua ação. Somente a consciência do dinamismo dessas dimensões permite o redirecionamento da percepção sobre a realidade, sobre nós mesmos e o outro, sobre nossa prática, a fim de que reavaliemos os critérios por meio dos quais nos posicionamos e nos direcionamos para essas realidades (PLACCO, 1994, p. 68).

Partindo desse pressuposto levantado por Placco (1994), o coordenador é um agente importante na formação docente dentro do ambiente escolar, fazendo-se necessário pensar que é de suma importância que se reconheça a especificidade dessa tarefa como incumbência do coordenador pedagógico e suas competências e habilidades necessárias a essa função.

2 INVESTIGAÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa utiliza o método de revisão de literatura de autores diversos e pesquisa de campo por meio de questionário aplicado na EMEFVM, localizada no município do Santo Antônio do Descoberto/GO. Região essa em que a comunidade é bastante carente. A escola fornece o ensino fundamental I e II.

O intuito da pesquisa é descobrir o porquê de tantas dificuldades para se implementar o trabalho coletivo nas escolas, visto que ele é tão necessário e benéfico no contexto escolar. As questões utilizadas para a coleta de dados possui a finalidade de complementar o que foi descrito, analisado e refletido através da voz dos autores citados. Bem como verificar a realidade da escola escolhida, visto que a mesma é pública e é localizada em um local onde residem pessoas carentes; podendo assim exemplificar a realidade de grande parte das escolas públicas da atualidade. Desta pesquisa participaram a equipe gestora: diretor, coordenador pedagógico e professores (1º ao 5º ano).

2.1 Método e tipo de pesquisa

O método de pesquisa que foi utilizado é a pesquisa qualitativa, que tem caráter exploratório onde o pesquisador estimula o entrevistado, a pensar livremente sobre algum tema ou objeto de estudo. E o instrumento utilizado foi o questionário, que abrangeu perguntas subjetivas. O objetivo do questionário para os professores foi verificar o entendimento do gestor sobre o modo como costumam serem vistos como um coletivo, onde logo após o término as opiniões foram analisadas. Lüdke e André (1986) citam as características básicas de uma pesquisa qualitativa.

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
4. O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da

inspeção dos dados num processo de baixo para cima (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11-3).

Os atores elencados nesta pesquisa foram um professor do 1° ao 5° ano do turno matutino, um gestor e um coordenador pedagógico. Sendo realizada na instituição escolar, totalizando sete sujeitos envolvidos na pesquisa.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário. Lüdke e André (1986) discutem o caráter científico da técnica de observação, uma vez que as observações de cada um são muito pessoais, sendo influenciadas por vários fatores, como: história de vida, bagagem cultural, grupo social a que pertence, aptidões.

Além disso, Lüdke e André (1986) não têm uma única terminologia para se referir a observação e a entrevista. As autoras utilizam não somente o termo método de coleta de dados, assim sendo estimulando o entrevistado, a desempenhar um melhor papel. Método esses que acaba por influenciar nosso ponto de vista, no sentido de favorecer o sucesso de alguns aspectos e não outros.

O uso de um instrumento não quantitativo mostra melhor o entendimento do entrevistado acerca da temática. O questionário continha perguntas de cunho subjetivo, sobre a coletividade, para que por meio deste, possa se constatar se a coletividade está de fato sendo, atribuída as praticas cotidianas da instituição escolar e também entre seus atores (gestão, docente e coordenador pedagógico).

Foi realizado um pré-agendamento da escola que foi visitada, foi apresentado o material utilizado para se fazer a pesquisa, os dados obtidos foram organizados em forma de tabela, logo após os resultados obtidos foram analisados, discutidos e sintetizados, para a confirmação do que foi pesquisado. Também foi feito um paralelo com os resultados alcançados mediante o estudo e após a coleta de dados e análise ter sido devidamente feita, foi feita uma devolutiva sobre os resultados para a instituição escolar.

Fui recebida pelo gestor, levando os questionários que seriam respondidos, e também a declaração de ciência da instituição. O grupo participante para a resolução do questionário foi: o diretor, o coordenador pedagógico, e cinco professores. A resolução do supracitado foi de maneira tranquila, não houve grandes dúvidas a respeito, e os mesmos souberam responder o questionário de forma clara e coesa.

Os dados coletados através dos questionários respondidos, pelo diretor, coordenador pedagógico e professores, foram discutidos e analisados, e em seguida foram elaboradas tabelas, para a verificação das respostas obtidas pelo questionário.

Mediante os dados que foram levantados por meio do questionário foi possível observar, que a visão do gestor, coordenador pedagógico foram parecida em relação às questões que remeteram a gestão participativa, coletiva e se ela era de fato exercida no ambiente escolar. Foi possível também constatar que gestor e coordenador concordaram que o fato de que a escola proporciona aos professores autonomia em suas praticas pedagógicas, o que faz com que o trabalho deles seja desempenhado de forma satisfatória.

No questionário dos professores as questões foram também sobre a coletividade, mas dando ênfase em como elas eram úteis em sua prática pedagógica. Então, foi salientado que eles apoiam de modo geral a coletividade, pois essa mesma gera união entre o grupo gestor (professores, diretor e coordenador pedagógico), o corpo discente e a comunidade escolar. E quando foram perguntados sobre sugestões para que se implementasse o trabalho coletivo com mais agilidade, as respostas foram quase que unânimes, o grupo fomentou a necessidade de um momento em que houvesse troca de experiências, para que desta forma fosse possível observar os sucessos e frustrações, e as metas que seriam pretendidas a se alcançar.

3 ANÁLISE

Como já foi mencionada, a pesquisa de campo foi realizada em uma Escola pública municipal situada na Cidade de Santo Antônio do Descoberto-GO. Esta Instituição de ensino ministra o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, com alunos na faixa etária de 7 a 10 anos. Os alunos, em sua maioria, possuem um poder aquisitivo baixo, demonstram carência afetiva e apresentam baixo desempenho no processo de aprendizagem.

3.1 Categoria de análise: Fatores externo e internos que interferem no trabalho coletivo

Sabe-se que, por vezes, o trabalho coletivo é visto como uma proposta negativa dentro do ambiente escolar, visto que ao se elaborar tal tarefa propõe-se que os integrantes dessa comunidade chamada escola saiam da chamada “zona de conforto”. Uma vez que se considerarmos que dentro da rotina escolar, temos as atribuições, existem outros entraves, externos: a falta de disponibilidade de tempo, falta de interesse por parte dos professores, falta de motivação e uma certa “resistência” apresentada por alguns docentes, em relação a inovação, no aspecto da coletividade, como também o fato do coordenador pedagógico exercer outras funções, que não são de sua incumbência.

Hargreaves e Fullan (2000, p.56) demonstram sua preocupação com a “cultura do individualismo” que envolve o trabalho docente, em contraposição ao ambiente de cooperação que deveria presidir a realização do trabalho educativo.

Partindo desse pressuposto é possível observar, que além dos problemas externos supracitados, os problemas internos da instituição também são bastante visíveis e a individualidade docente é o principal entrave, no que diz respeito a coletividade.

3.2 A escola, seu projeto e sua prática

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola em estudo (2012) apresenta, como uma de suas prioridades, a avaliação do corpo discente de maneira formativa,

tendo em vista que esse tipo de avaliação favorece a construção da autonomia por parte dos mesmos, na medida em que propicia a participação ativa desses sujeitos na construção de seu próprio conhecimento. O documento tem como foco principal o processo de aprendizagem numa perspectiva de interação e diálogo, colocando não apenas no professor, mas também no aluno, a responsabilidade por seus avanços e pela superação de suas necessidades específicas de aprendizagem.

O PPP da escola (2012) destaca a importância do auxílio do professor aos educandos no processo de ensino dos conteúdos a serem aprendidos visando o alcance dos objetivos estabelecidos, o que ocorreu por meio de uma avaliação que possibilite o avanço de suas aprendizagens. Ainda sobre esse assunto, o PPP da escola propõe ampliar as condições de viabilizar um processo avaliativo formativo por meio da autoavaliação. Segundo o PPP, essa prática avaliativa constitui um importante recurso, pois propicia, aos estudantes, maior responsabilidade acerca de seu próprio processo de aprendizagem e promove a construção de sua autonomia.

A análise documental do PPP da escola permitiu perceber que o trabalho dos professores interlocutores do estudo, ainda não se encontra totalmente em consonância com esse documento, uma vez que os docentes, em um de seus discursos em sala de aula, defenderam que as notas dos estudantes são decorrentes de seus esforços e dedicação em relação à construção de suas aprendizagens e desenvolvimento de sua autonomia. Porém, em outros momentos apresentaram nuances de uma concepção de avaliação voltada à formação dos estudantes, utilizando diferentes instrumentos para avaliar os alunos e declarando que, em vários momentos de suas práticas, fazem intervenções junto aos alunos em sala de aula, por meio de avaliação diagnóstica, utilizando procedimentos e instrumentos tais como: seminários, pesquisas, trabalhos em grupos e provas.

A preocupação dos professores interlocutores em conhecer o nível de aprendizagem de seus alunos aliada à sua declaração de que, em decorrência deste diagnóstico realiza intervenções junto aos estudantes permitindo inferir que os professores concebam o processo como uma forma de dar continuidade à aprendizagem dos estudantes.

Converge também com Villas Boas (2007), quando defende que:

Faz parte do planejamento da avaliação a seleção dos procedimentos mais apropriados a cada turma ou grupo de alunos.

Procedimentos são os meios que nos permitem coletar informações para realizar a avaliação (VILAS BOAS, 2007, p.25).

Dessas análises, conclui-se que deve ser um processo, e por processo entende-se como algo que deve ser planejado, no âmbito da busca por um objetivo comum, diagnóstico feito no coletivo, contínuo e participativo cujas experiências precisam ser múltiplas e diferenciadas a fim de resultar em uma ação pedagógica e educativa, renovada e aprimorada.

3.3 As concepções dos professores sobre a coletividade

A coleta de dados referentes às concepções dos professores interlocutores do estudo foi realizada por meio da observação não participativa e por meio da aplicação de um questionário aos docentes, com intuito de compreender seu entendimento acerca do coletivo e conhecer os principais instrumentos utilizados no grupo de professores da escola.

A análise do referido questionário permitiu perceber que as estratégias usadas pelos professores no processo ensino-aprendizagem utilizavam como instrumentos e procedimentos de seus alunos: “debates coletivos, atividades individuais, verificação da aprendizagem (provas), e capacidade de expressão crítica, expressão escrita e interpretativa”.

As declarações dos professores abordam um importante aspecto da coletividade que diz respeito ao acompanhamento do desempenho aluno. No entanto, os professores não ressaltam outro relevante aspecto desse processo que consiste na utilização dos dados evidenciados pelos estudantes para a reorganização do trabalho pedagógico de modo a promover a aprendizagem de todos os estudantes.

Outro aspecto que merece ser destacado refere-se ao fato de que os professores não utilizavam da autoavaliação pelos alunos, conforme estabelecido no Projeto Político Pedagógico da escola. A inclusão à sua prática pedagógica traria valiosas contribuições ao seu trabalho, uma vez que, o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico é um processo de aprendizagem.

De acordo com as repostas dos professores ao questionário, eles reconheceram suas dificuldades, em virtude da complexidade envolvida nesse

processo. Todavia, considera que o trabalho coletivo é necessário em qualquer proposta de ensino.

O grande desafio da escola hoje tem sido o de promover uma prática pedagógica que leve os educandos a realmente aprender para a vida e não simplesmente para as provas e trabalhos escolares.

Ao solicitar aos professores que relatassem momentos em que sua prática encontrava-se voltada a propósitos formativos, os educadores destacaram que isso ocorre em momentos em que eles preparavam os alunos para enfrentar o mundo moderno, procurando proceder de modo que eles se sentissem inseridos em um contexto social.

Dessa forma, percebe-se que os professores demonstram preocupação em canalizar sua avaliação no sentido de favorecer o desenvolvimento global dos alunos, mas que ainda carece de entendimento que a possibilite canalizar sua prática em atendimento a esse propósito.

3.4 O gestor e seus anseios frente à coletividade

Partes dos dados do presente estudo foram coletadas junto aos professores e por meio de observações e da aplicação de um questionário. O questionário foi respondido individualmente e os professores demoraram em média vinte minutos para concluir. No momento da aplicação do questionário o gestor ausentou-se da sala e, neste momento, foi possível perceber diferentes atitudes entre os professores. No momento em que entreguei o questionário para que eles respondessem, alguns deles demonstraram interesse em começar a responder logo as questões, outros viram a minha pesquisa com mera formalidade.

O foco da investigação incidiu sobre o processo do coletivo, a primeira questão feita aos professores referiu-se ao modo como costumava ser visto dentro do ambiente escolar. A maioria, ou seja, 90% deles responderam que a individualidade era bem maior que o coletivo, dava-se importância, mas não havia no meio um grupo que trabalhasse o coletivo.

Dessa forma, espera-se que todos os educadores compreendessem que não tem sentido, encontrar meios para superar as dificuldades do educando na individualidade, mas contribuindo para progredir em sua aprendizagem.

Diante dos dados coletados, vê-se que 90% dos professores pesquisados têm sentimentos conflituosos nos momentos em que estão sendo submetidos a algum tipo de avaliação.

Partindo do pressuposto que a escola é um lugar de aquisição do conhecimento formal, habilidades cognitivas e de convívio social, espera-se que o professor assuma papel ativo na construção de aprendizagens, concebendo a coletividade como uma aliada nesse processo para a obtenção de resultados positivos e não como algo negativo que suscite sentimentos de preocupação, medo e nervosismo.

Assim, entende-se que o gestor em estudo, ainda transmite para o grupo de professores uma concepção fragmentada, ou seja, ainda não contempla em sua prática contínua não por achar que o melhor seja o individual, mas, processo ensino/aprendizagem deve acontecer, quando o grupo está trabalhando junto ao gestor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho coletivo dentro do ambiente escolar realmente deveria ser exercido em toda sua plenitude, pois ele é o eixo norteador para uma boa prática pedagógica, e sem sombra de dúvidas torna o ambiente escolar mais amistoso e holístico. E nos dias atuais a coletividade é um “pré-requisito” exigido para que se alcancem as metas estipuladas pela instituição.

E a efetivação desse trabalho coletivo é de extrema importância, pois por meio deste também se faz possível à identificação de problemas, não somente operacionais e administrativos, mas também problemas com a comunidade escolar e os atores nelas inseridos. Em detrimento disso a pesquisa teve foco nas inter-relações de coletividade entre o grupo escolar (gestão, coordenação e docentes), para que fossem identificadas tais “falhas” e as sugestões de cada um deles para que houvesse melhorias e essa coletividade fosse de fato exercida de forma equânime.

Então, as informações que foram coletadas junto aos professores, gestor e coordenador pedagógico da instituição escolar, indicaram a valorização do trabalho coletivo, pois todos demonstraram ter conhecimento do quão importante é a coletividade. Embora todos tivessem conhecimento e consciência do quão importante se faz a coletividade, entraves foram encontrados, falta de comprometimento da comunidade em geral, professores acostumados com a mesmice e que tem medo do novo.

Na realização do questionário as perguntas foram fomentadas acerca da coletividade e do papel de cada ator escolar dentro desse contexto. O questionário foi respondido na instituição escolar, os professores responderam na escola, três professores responderam o questionário na sala de coordenação, pois era seu dia de coordenação, e os outros dois professores responderam o questionário em sala de aula. Todos os atores inseridos na pesquisa (gestor, coordenador e professores) se empenharam ao máximo para responder o questionário.

Após a análise de todo o problema de pesquisa e tendo como base o que foi respondido na coleta de dados, foi constatado que, embora a coletividade se faça necessária, ainda falta um longo caminho a se percorrer, e muitos “vilões” a serem vencidos (falta de tempo, de disposição, a resistência de docentes e até mesmo a

falta de compromisso), pois a educação deve ser construída em uma base sólida de confiança e respeito. A coletividade dentro da instituição funciona de forma parcial, pois alguns professores não reconhecem a importância do trabalho coletivo, e não demonstram interesses em fazê-lo, mas embora haja professores que sejam resistentes, existem docentes que trabalham e acham de suma importância a coletividade, para que seja desempenhado um bom trabalho pedagógico. A pesquisa foi feita de forma proveitosa, onde todos os objetivos propostos foram alcançados. Porque a partir do momento que pensamos coletivamente avançamos mais um passo em direção ao progresso. Portanto devemos quebrar paradigmas, vencer todas as barreiras e finalmente alcançar um padrão de educação modelo.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MEC. *Conselho escolar, gestão democrática da educação e escolha do diretor*; Secretaria de Educação Básica, caderno 05; 2007.

COSTA, N. M de L. A formação continuada de professores: novas tendências e novos caminhos. *Holos*, ano 20, p. 63-75, dez 2004. Disponível em: http://www.google.com.br/webhp?source=search_app#hl=pt-BR&client=psy-ab&q=A+FORMA%C3%87%C3%83O+CONT%C3%8DNUA+DE+PROFESSORES+%E2%80%93+NOVAS+TEND%C3%84NCIAS+E+NOVOS+CAMINHOS&oq=A+FORMA%C3%87%C3%83O+CONT%C3%8DNUA+DE+PROFESSORES+%E2%80%93+NOVAS+TEND%C3%84NCIAS+E+NOVOS+CAMINHOS&gs_l=serp.3..0.2201308.2201308.1.2201695.1.1.0.0.0.347.347.3-1.1.0...0.0...1c.1.FzUftgipOFA&pbx=1&bav=on.2,or.r_gc.r_pw.r_qf.&fp=dc027b920c5e6cdf&bpcl=35466521&biw=910&bih=400> Acesso em 23 fev 2013.

CURY, C. R. J. *Educação e contradição*. 5 ed. São Paulo: Autores Associados, 1992.

DALMAS, A. *Planejamento participativo na escola: elaboração, acompanhamento e avaliação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GADOTTI, M., ROMÃO, J. E (orgs.). *Autonomia da escola princípios e propostas*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

HARGREAVES, A, FULLAN, M. A. *A escola como organização aprendente*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LEITE, S. A. S. Desenvolvimento profissional do professor: desafios institucionais. In: AZZI, R. G.; BATISTA, S. H. S. S.; SADALLA, A. M. F. A. (Orgs.). *Formação de professores: discutindo o ensino de Psicologia*. Campinas, SP: Alínea, 2000. p. 39-66.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

PARO, V. H. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática, 2006.

PLACCO, V. M. N. S. *Formação e prática do educador e do orientador: confrontos e questionamentos*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RAUSCH, R. B.; SCHLINDWEIN, L. M. As ressignificações do pensar/fazer de um grupo de professoras das séries iniciais. *Contrapontos*, Itajaí, v. 1, n. 2, p. 109-23, 2001.

RIBEIRO. S. de S.; SANTOS, S. A. *O trabalho coletivo na rotina escolar e a construção do projeto político-pedagógico*. 2001 s/p.<Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/638-4.pdf> > Acesso em: 21/02/2013.

ROSSA, L. Projeto político-pedagógico: uma construção coletiva, inclusiva e solidária. *Revista da AEC*, Brasília, v. 28, n. 111, p. 63-72, abr /jun /1999.

VEIGA, I. P. A. (Org.). *Projeto Político- Pedagógico da Escola*. Uma construção possível. 20 ed. Campinas: SP, Papirus. 2005.

VILLAS-BOAS, B. M. de F.; SOARES, S. L. *Bases pedagógicas do trabalho escolar*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA COORDENADOR PEDAGÓGICO



Questionário para coletas de dados

Data: _____

Local: Santo Antônio do Descoberto - GO

Caro, coordenador pedagógico (a)

Este questionário é um instrumento de coleta de dados para uma pesquisa de pós-graduação em coordenação pedagógica da UNB- Universidade de Brasília. Sua contribuição será de suma importância para tornar essa pesquisa ainda mais relevante. Este instrumento conterà questões subjetivas as quais deverão ser respondidas de acordo com o que foi solicitado no instrumento, para a obtenção de dados para a solidificação da pesquisa.

QUESTIONÁRIO PARA O COORDENADOR PEDAGÓGICO

1. Levando em conta a realidade da escolar você considera possível implementar um trabalho coletivo que contemple inclusive a participação de pais e alunos?

2. Para você coordenador qual a importância da participação de pais e alunos na escola?

3. Em quais âmbitos você considera o trabalho coletivo relevante?

4. O que você faz para mediar o trabalho coletivo na sua escola?

5. Quais são os fatores internos e externos que você considera que atrapalha a inserção de um trabalho coletivo eficaz?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA DIRETOR



Questionário para coletas de dados

Data: _____

Local: Santo Antônio do Descoberto - GO

Caro, gestor escolar (a)

Este questionário é um instrumento de coleta de dados para uma pesquisa de pós-graduação em coordenação pedagógica da UNB- Universidade de Brasília. Sua contribuição será de suma importância para tornar essa pesquisa ainda mais relevante. Este instrumento conterá questões subjetivas as quais deverão ser respondidas de acordo com o que foi solicitado no instrumento, para a obtenção de dados para a solidificação da pesquisa.

QUESTIONÁRIO PARA O DIRETOR

- 1 Você considera que a escola trabalha coletivamente? Cite alguns exemplos que respalde sua resposta.

- 2 Levando em conta a realidade da escola você considera possível implementar um trabalho coletivo que contemple inclusive a participação de pais e alunos?

3 Em quais âmbitos você considera o trabalho coletivo relevante?

4 Você considera que os professores da escola se sentem motivados a trabalhar coletivamente e democraticamente? Por quê?

5 O que você enquanto diretor considera que dificulta a inserção do trabalho coletivo de maneira mais concreta na escola? E na sua escola? Quais são os fatores internos e externos que atrapalham?

6. O que você enquanto gestor faria para ter uma participação efetiva do corpo docente nas coletivas pedagógicas?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSOR



Questionário para coletas de dados

Data: _____

Local: Santo Antônio do Descoberto - GO

Caro, professor (a)

Este questionário é um instrumento de coleta de dados para uma pesquisa de pós-graduação em coordenação pedagógica da UNB- Universidade de Brasília. Sua contribuição será de suma importância para tornar essa pesquisa ainda mais relevante. Este instrumento conterá questões subjetivas as quais deverão ser respondidas de acordo com o que foi solicitado no instrumento, para a obtenção de dados para a solidificação da pesquisa.

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

1. Qual é o grau de importância que você dá ao trabalho coletivo? Considera relevante para o progresso escolar? Inclusive acredita que influencia no processo de ensino-aprendizagem de modo significativo?

- 2 O que você gostaria de realizar coletivamente na escola em que trabalha?

3 Quais são as sugestões que você faria para implementar o trabalho coletivo de maneira mais eficiente em sua escola?

4 De que modo você considera que o coordenador pedagógico pode auxiliar na inserção de um trabalho coletivo pedagógico eficiente?

5 Você enquanto professor se considera motivado pelo diretor e coordenador a trabalhar coletivamente? Justifique.

6 O que você entende por trabalho coletivo? Defina.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSCIENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Eu, _____, RG n.º _____, declaro ter sido informado (a) pelo (a) pesquisador (a) **(Marinalda Pereira de Lima Colen)** a respeito dos riscos, benefícios e confidencialidade da entrevista e fornecida para a pesquisa **(O trabalho pedagógico coletivo: fatores de interferência internos e externos)**. Também participo voluntariamente ciente de que a publicação e divulgação dos resultados, por meio digital e/ou presencial, nas quais serão omitidas todas as informações que permitam identificar-me, contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e produção de conhecimento científico.

Brasília, _____ de _____ de 2012.

Assinatura do participante

Esclarecimentos a respeito da pesquisa:

- Justificativas e objetivos.
- Descrição do método utilizado e métodos alternativos existentes.
- Desconfortos e riscos associados.
- Benefícios esperados (para o voluntário e comunidade).
- Garantia de confidencialidade das informações geradas e a privacidade da pesquisa.
- Participação voluntária e possibilidade de retirada do consentimento a qualquer tempo, sem prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.
- Conduta para sanar eventuais dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.
- Recebimento de cópia deste termo.

Contatos:

Pesquisador (a) responsável: (Marinalda Pereira de Lima Colen,
mimadu2008@hotmail.com, 85596351)

Orientadora: Prof.^a Msc (Juliana Duarte).